

SABERES DOCENTES E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: o lugar das arboviroses na docência dos anos iniciais do Ensino Fundamental

Letícia Mendonça Lopes Ribeiro ¹

RESUMO

Objetivou-se analisar os Saberes Docentes que são mobilizados, por professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, ao abordarem assuntos relacionados à dengue, considerando a importância das práticas de Educação em Saúde na Escola para a prevenção das arboviroses, especialmente aquelas que são transmitidas pelo *Aedes aegypti*. Para tanto, a pesquisa considerou conhecimentos sobre as arboviroses (Lopes; Linhares; Nazawa, 2014, Donalisio; Freitas; Von Zuben, 2017), sobre a abordagem da Educação em Saúde (Schall; Struchiner, 1999; Venturi; Mohr, 2021) e sobre a mobilização dos Saberes Docentes (Tardif; Raymond, 2000; Tardif, 2002). Logo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual contou com a análise do discurso das entrevistas de 40 professoras atuantes nos três primeiros anos do Ensino Fundamental de oito instituições (quatro públicas e quatro privadas) participantes da pesquisa em Belo Horizonte. Os resultados sugerem que as vivências pessoais, especialmente relacionadas ao adoecimento das participantes e de pessoas próximas, são decisivos para a abordagem da dengue em sala de aula. As professoras destacam a relevância dos folhetos informativos da Prefeitura de Belo Horizonte para a execução de trabalhos mais direcionados à prevenção da dengue. As docentes das escolas públicas mencionam o desenvolvimento de projetos escolares estruturados, com grande mobilização da comunidade escolar, para o combate à dengue. Neste sentido, reconhece-se que os saberes pessoais e os saberes provenientes de ferramentas de trabalho são essencialmente relevantes para a prevenção das arboviroses. Logo, espera-se que, após a importante epidemia de arboviroses transmitidas pelo *Aedes aegypti*, sofrida por Belo Horizonte em 2024, o poder público proponha estratégias de Educação em Saúde condizentes ao panorama sanitário do município, considerando ações escolares, direcionadas à abordagem das arboviroses na Educação Básica, como fundamentais à prevenção da dengue, da zika e da Chikungunya em meio urbano.

Palavras-chave: Saberes Docentes, Educação em Saúde, Arboviroses.

INTRODUÇÃO

De acordo com as informações do próprio Ministério da Saúde (MEC), as arboviroses compõem um grupo de doenças virais que são transmitidas especialmente por artrópodes, como mosquitos e carrapatos.

A palavra "arbovirose" deriva de "arbovírus", que significa "vírus transmitido por artrópodes". Essas enfermidades podem causar uma variedade de sintomas, desde febre leve até complicações mais sérias, sendo algumas delas potencialmente fatais. Os principais vetores de arbovírus são os mosquitos, em particular, dos gêneros *Aedes* e *Culex*, além do inseto do gênero *Culicoides*,

¹ Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Lavras – UFLA, leticiamlribeiro@gmail.com.

transmissor do vírus Oropouche. Eles se tornam portadores dos vírus ao picar uma pessoa infectada e, subsequentemente, passam o vírus para outras pessoas quando realizam novas picadas (Borges; Moraes, 2024, p. 01).

É incontestável a emergência das arboviroses nas mais diferentes regiões do planeta, em decorrência de mudanças genéticas no vírus, das diversas alterações da dinâmica populacional de hospedeiros e vetores ou, ainda, pelos mais variados fatores ambientais (Donalísio; Freitas; Von Zuben, 2017). Há uma estimativa de mais de 545 espécies de arbovírus, sendo pelo menos 150 relacionadas com doenças em seres humanos, – a maioria delas zoonótica (Lopes; Nozawa; Linhares, 2014).

Entretanto, no Brasil, as arboviroses mais disseminadas no Brasil são a dengue, a chikungunya e a zika. Essas doenças constituem um problema de saúde pública de grande magnitude, o qual gera impactos importantes às populações urbanas. Transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, as doenças as três doenças se manifestam comumente no país – especialmente a dengue e a chikungunya que são ainda mais recorrentes nos últimos anos, aparecendo em cenários de surtos e epidemias.

Nesse contexto, as ações articuladas entre os setores de saúde, de saneamento básico e de educação são muito bem vindas. Dessa forma, a escola surge como um espaço privilegiado para a promoção de práticas preventivas, especialmente por meio da Educação em Saúde.

Considera-se a Educação em Saúde (ES) como um campo de estudos e práticas interdisciplinares. Neste campo, destacam-se, portanto, as áreas da saúde e da educação, mas nas especificidades do cenário educacional (Venturi, 2018; Venturi; Mohr, 2021). Assim, de acordo com Schall e Struchiner (1999), as ações que conjugam os campos essas duas áreas se mostram como ações multifacetadas, que convergem diversas concepções, as quais espelham diferentes compreensões do mundo, demarcadas por distintas posições político-filosóficas sobre o homem e a sociedade. Essa perspectiva demonstra que a atividade da ES não tem o propósito de “decidir o que é mais importante, mas pretende facilitar as condições para as pessoas encontrarem a melhor forma de cuidar de sua saúde, tendo atitudes conscientes, decidindo por seu projeto de vida” (Ribeiro, 2010, p. 15).

Nessa construção, as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental desempenham um papel crucial para o processo de multiplicação de conhecimentos – processo este tão valorizado pela ES. São essas as profissionais capacitadas e responsáveis pela formação escolar das crianças em uma fase essencial do desenvolvimento cognitivo e social. Entretanto, para que o ensino sobre a dengue e outras

arboviroses seja consolidado, é necessário que essas docentes mobilizem diferentes saberes que vão além do conteúdo disciplinar tradicional, vinculado ao currículo. É preciso mobilizar saberes que se integrem a conhecimentos sobre saúde, vida diária, meio ambiente e cidadania. Isso expõe a necessidade de investigar os saberes docentes que são constituídos e consolidados, por essas professoras, ao tratar das questões que envolvem as arboviroses em sala de aula.

É nesse âmbito que surge a necessidade de caracterizar melhor os saberes docentes dos professores, sejam eles iniciantes ou experientes. De acordo com Tardif (2002), ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc. Estes estruturam a sua personalidade e suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reutilizados, de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Nessa perspectiva, os saberes experienciais do professor, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorreriam, em grande parte, de pré-concepções do ensino e da aprendizagem herdadas de sua história. Considera-se, portanto, que não é possível conceber a dissociabilidade do professor pessoa e do professor profissional; “o professor é a pessoa; e uma parte da pessoa é o professor” (Nóvoa, 1992, p. 15).

Raymond, Butt e Yamagishi (1993) apontaram que a vida familiar e as pessoas significativas no cotidiano, tais como amigos e colegas, aparecem como uma fonte de influência muito importante que modela a postura do indivíduo em relação ao ensino. As experiências marcantes com outras pessoas em atividades coletivas (ex.: esportes, teatro, convivência, etc.) contribuem para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático. Igualmente importantes podem ser as lembranças da socialização escolar na educação básica, rememorando qualidades desejáveis ou indesejáveis em um docente, as quais o novo professor deseja ou não perpetuar. São esses os saberes pré-profissionais: “aquelas que marcam a socialização primária (família e ambiente de vida), assim como a socialização escolar enquanto aluno” (Tardif; Raymond, 2000, p. 218).

Raymond e Lenoir (1998) – citados pelos estudos de Tardif e Raymond (2000) – destacaram, também, que o exercício do magistério tem ofertado momentos de aprendizagem concreta do trabalho, que pressupõe um aprendiz (estudante do curso de formação de professores) e sua relação com um trabalhador (seu professor); logo, estabelece-se uma relação de companheirismo que permite um processo de aprendizado ao estudante, tornando-o capaz de compreender as rotinas e práticas do trabalho. É a partir

destas práticas que se estabelecem os saberes que advém da formação, dos estágios e das instituições que oferecem a formação para o exercício do magistério.

Por fim, destacam-se os saberes docentes que os professores consolidam por meio do seu próprio exercício profissional, por meio de suas vivências na sala de aula e na instituição escolar em que eles atuam como docentes. Esses saberes integram o trabalho docente no exercício prático do magistério e no processo de socialização profissional. Muitas vezes, esses saberes trazem a tona o “choque com a realidade”, o que força o professor a questionar a visão idealista compartilhada pelos professores iniciantes, “visão essa que, por uma questão de sobrevivência, deve-se apagar” (Tardif; Raymond, 2000, p. 230).

Foi do pluralismo desses saberes profissionais – e da importância que eles denotam à prática docente – que essa pesquisa foi delineada. Logo, o objetivo do presente estudo foi analisar os Saberes Docentes que são mobilizados, por professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, ao abordarem assuntos relacionados à dengue, considerando a importância das práticas de Educação em Saúde na Escola para a prevenção das arboviroses, especialmente aquelas que são transmitidas pelo *Aedes aegypti*.

METODOLOGIA

Com base nos pressupostos teóricos, orientados para este estudo, admite-se que se trata uma pesquisa qualitativa, já que comporta um universo de significados, motivos, valores e atitudes que possuem um vínculo com o assunto ora tratado – vivenciados pelas professoras entrevistadas – os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo; Deslandes, 2002).

Entretanto, é importante destacar que, mesmo em uma abordagem essencialmente qualitativa, optou-se também por demonstrações quantitativas (principalmente o uso de tabelas) com intuito de enfatizar determinados resultados e a melhor interpretação dos dados coletados. Estabeleceu-se, então, como principal instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, que, a partir de um roteiro pré-estabelecido (mas, não rígido) combinou perguntas abertas e fechadas nas quais as entrevistadas tiveram a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto (Minayo, 2013).

As *sujeitas* da pesquisa foram 40 professoras, que lecionavam à época (2010) em classes do primeiro, segundo ou terceiro ano do EF, em quatro instituições privadas (16

participantes) e quatro instituições públicas (24 participantes – das escolas municipais e duas estaduais) situadas na região Noroeste de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Optou-se por esta área pensando-se no desenvolvimento socioeconômico semelhante que seus residentes aparentam possuir e pelo grande número de escolas, de caráter privado e público que funcionam na região.

Esclarece-se que a opção por entrevistar profissionais que atuavam nos três primeiros anos do EF se alicerçou na crença de que, de acordo com os estudos de Jean Piaget (1993), é dos sete aos 11 anos de idade – etapa de escolarização para a qual as docentes entrevistadas lecionavam – que a capacidade da criança de interiorizar as ações se acentua, sendo que ela começa a realizar operações mentalmente, passando a relacionar diferentes aspectos e abstraindo dados da realidade. Dessa forma, as ações docentes podem instigar atitudes mais precisas dos discentes.

Além disso, por serem os três primeiros anos de escolarização fundamental, a evasão de estudantes é menor que nas etapas posteriores, o que poderia pressupor um alcance maior de indivíduos em formação quando trabalhos posteriores forem sugeridos e executados no campo de estudo no qual esta pesquisa se insere.

Para facilitar a descrição das informações, as professoras participantes da pesquisa foram nomeadas considerando o caráter da instituição em que trabalhavam – privado (EPri) ou público EPub – e a sequência em que foram entrevistadas – por meio da indicação de letras. Exemplos: a Professora EPri1A trabalhou na primeira escola privada visitada pela entrevistadora e foi a primeira professora entrevistada nesta instituição, enquanto a Professora EPub2D trabalhou na segunda escola pública visitada e foi a quarta professora entrevistada nesta instituição. Estas caracterizações procuraram manter o anonimato das entrevistadas – como bem estabeleceu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos participantes que, mediante ciência e autorização por eles expressa, antecedeu da entrevista cedida por cada uma delas, individualmente.

Quanto aos dados coletados, destaca-se que todas as entrevistas foram gravadas e as informações dadas pelas entrevistadas foram registradas. Os momentos de entrevista – e tudo que fora produzido a partir deles – contou com o apoio fundamental da técnica de análise do discurso. Esta cria um ponto de vista próprio de olhar a linguagem como espaço social de debate e conflito, sendo que, o movimento que acontece no interior do discurso do entrevistado é, ao mesmo tempo, o processo, o produto e o centro da significação a ser compreendido na análise. Tal técnica responsabiliza o pesquisador em refazer o discurso, buscando dependências funcionais da linguagem evidenciadas nas falas (Minayo, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes mesmo de expor os devidos resultados, – relacionados aos saberes docentes das professoras – indica-se a necessidade de demonstrar a força que a dengue mantém quando há o questionamento direto, às professoras, *sujeitas* da pesquisa, sobre “o que é zoonoses?”.

Para esta definição, as respostas das entrevistadas aparecem recheadas de termos como “cuidado”, “controle”, “tratamento” e/ou “prevenção”. Tais participantes relacionaram esses vocábulos especialmente à dengue. Logo, propõe-se que o aparecimento dos referidos termos nos discursos dessas professoras poderia sugerir que elas tiveram alguma vivência com o serviço de controle de zoonoses, uma vez que este serviço trabalha com ações que remetem aos referidos termos explicitados. Essa ideia é corroborada pela fala da entrevistada seguir:

“Zoonose, né? Pois é... O que eu sei assim é que zoonoses mexe com essa... É... coisa de vermes, bactérias, vírus... É zoonoses também é tratamento da dengue e de outras doenças... é tratamento de doenças que dão no povão, na população em geral, né?” (Professora B, EPri 2)

A indicação da dengue é ainda mais incisiva na seguinte interrogativa: “cite as zoonoses que você conhece”. Dentre os exemplos de zoonoses, observa-se que a dengue também foi admitida como uma doença zoonótica em áreas urbanas. Entretanto, houve outros exemplos de zoonoses apontados pelas entrevistadas. Assim, a Tabela 1 aponta quais foram os mais lembrados. Ressalta-se que o número de citações não corresponde ao número de docentes entrevistadas, uma vez que uma entrevistada pôde citar vários exemplos de zoonoses.

Tabela 1 – Distribuição das respostas, dadas pelas entrevistadas, referentes aos exemplos indicativos de doenças zoonóticas*. Belo Horizonte – MG

Zoonoses	Professoras das escolas		Total
	Privadas (EPri)	Públicas (EPub)	
Dengue	6	7	13
Leishmaniose	3	6	9
Leptospirose	5	4	9
Raiva	3	2	5
Esquistossomose	2	1	3
Outras**	6	5	11
Total	25	25	50

* Foram consideradas as respostas em que as entrevistadas indicavam características específicas das doenças sem, necessariamente, citar nomes.

** Malária / Febre Amarela / Doença de Chagas / Toxoplasmose / Verminoses.

Quanto à motivação para a realização dos trabalhos escolares relacionados à dengue, os saberes pessoais foram os principais impulsionadores que levaram as professoras a se interessarem pela abordagem da dengue na sala de aula. Essas indicações podem ser corroboradas no relato a seguir:

Trabalho principalmente a questão da dengue [na sala de aula], principalmente porque é uma questão que os alunos estão trazendo. Hoje mesmo, por coincidência, eu estou com esse folheto aqui ó, (mostrou folheto da prefeitura) porque uma aluna contou que viu uma menina que teve dengue. Eu gosto de dar pra eles é o folheto do posto que tem perto da minha casa. (...) Trabalho também a questão ecológica com eles. Porque que não pode deixar lixo acumulado por causa de rato. Então trabalho mais pra voltar pra consciência ecológica deles. (...) Pois é... Minha mãe quase morreu de dengue, menina! Então, eu acho que a gente tem que falar mesmo, insistir mesmo! Se a gente não insistir, quem é que vai, né?" (Professora A, EPri 1)

Logo, supõe-se que os saberes pessoais, oferecidos por meio do convívio com familiares e/ou com o ambiente de vida, são articulados às atividades docentes nas ações mais rotineiras. É possível sugerir que, de fato, os saberes pessoais estruturam a personalidade e as relações que os professores têm com seus alunos (Tardif, 2002).

Retomando as indicações, das sujeitas de pesquisa, que se referem ao trabalho com a dengue em sala de aula, é importante ressaltar que, assim como a *Professora A, EPri 1*, outras professoras destacam a relevância dos folhetos informativos da Prefeitura de Belo Horizonte para a execução de trabalhos mais direcionados à prevenção da dengue. Além disso, as docentes das escolas públicas mencionam o desenvolvimento de projetos escolares estruturados, com grande mobilização da comunidade escolar, para o combate à dengue – diferentemente das docentes das escolas privadas, que se apoiam mais nos materiais didáticos para a realização dessas ações.

Sim, já trabalhei. E de muitas formas! Construimos o mosquito da dengue. Fizemos quadrinhos, textos... Tinha até um que falava de um mosquito procurado pela polícia! (...) Eu fiz isso só na minha sala, mas a escola fez um projeto em que todas as professoras trabalhavam cada uma com os seus alunos e depois mostrava pra todo mundo daqui o quê que tinha feito. Foi bem bacana. (Professora G, EPub 3).

Quanto a essas indicações, ressalta-se que algumas entrevistadas alegaram ter iniciado o trabalho com o tema devido às situações cotidianas e aos ensejos trazidos pelos próprios estudantes. Isso permite pressupor que tais docentes estão mais atentas às demandas trazidas pelas vivências cotidianas dos alunos, desejando inseri-las nas

abordagens escolares, uma vez que as percepções dos próprios alunos podem os levar ao conhecimento necessário sobre a saúde (Hollanda, 1981 *apud* Schall, 1994).

Trabalho principalmente a questão da dengue, principalmente porque é uma questão que os alunos estão trazendo. Hoje mesmo, por coincidência, eu estou com esse folheto aqui ó, (mostrou folheto da prefeitura) porque uma aluna contou que viu uma menina que teve dengue. Eu gosto de dar pra eles é o folheto do posto que tem perto da minha casa. (...) Trabalho também a questão ecológica com eles. Porque que não pode deixar lixo acumulado por causa de rato. Então trabalho mais pra voltar pra consciência ecológica deles. (Professora A, EPri 1)

Reforça-se, mais uma vez, que outras entrevistadas – a maior parte das escolas privadas – afirmaram realizar algum trabalho por indicação do livro didático ou material específico adotado pelas escolas onde trabalham. Isso pode sugerir que, no sistema privado, o livro didático é um material mais valorizado para trabalhar questões de saúde que no sistema público.

“Tem um capítulo no livro de ciências da terceira barra nove que trabalha a água. Aí os alunos fazem pesquisa, levam pra casa, apresentam pros outros amigos. Aí cada grupo fica com um tipo de doença e apresenta pros outros. É ótimo! Fala de poluição, de consumo de água... Fala também da importância de lavar as mãos, de cuidar do meio ambiente, coisas desse tipo. (...) Por exemplo, a enchente: entupiram os bueiros. Aí a gente entra na questão da doença transmitida pelos ratos: como é que pega o xixi do rato, como que ele pega nos alimentos. Fala de baratas, que você deve tampar seus alimentos que deve armazenar da maneira adequada. (...) Aí fala sim. Fala da água parada de dengue também, né?” (Professora C, EPri 4)

A partir dos relatos e dos diálogos estabelecidos na literatura, é possível perceber que os saberes pessoais, bem como os saberes provenientes de ferramentas de trabalho, são essencialmente relevantes para a prevenção das arboviroses. Apesar da abordagem ter focado na dengue, reconhece-se que em uma perspectiva semelhante, – a qual trataria as arboviroses mais comuns (dengue, zika e Chikungunya) – certamente o potencial trabalho preventivo das professoras do primeiro ano do ensino fundamental seria identificado, reconhecendo o trabalho docente dessas professoras como promotor de ações sociais de extrema magnitude (Tardif; Lessard, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se, novamente, que o objetivo do presente trabalho se concentrou em analisar os Saberes Docentes que são mobilizados, por professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, ao abordarem assuntos relacionados à dengue, considerando a importância das práticas de Educação em Saúde na escola para a prevenção das arboviroses, especialmente aquelas que são transmitidas pelo *Aedes aegypti*. Neste sentido, reconhece-se que o objetivo foi atingido.

A partir dos relatos das docentes, *sujeitas* da pesquisa, os saberes docentes comumente mobilizados por essas profissionais, para a abordagem de aspectos associados ao combate e à prevenção da dengue, são os saberes pessoais e os saberes provenientes de ferramentas de trabalho. Propõe-se, portanto, que esses mesmos saberes certamente são mobilizados em atitudes semelhantes frente às demais arboviroses.

Logo, espera-se que, após a importante epidemia de arboviroses transmitidas pelo *Aedes aegypti*, sofrida por Belo Horizonte em 2024, o poder público proponha estratégias de Educação em Saúde condizentes ao panorama sanitário do município, considerando ações escolares, direcionadas à abordagem das arboviroses na Educação Básica, como fundamentais à prevenção da dengue, da zika e da chikungunya em meio urbano.

REFERÊNCIAS

BORGES, E., MORAES, J. **Ministério da Saúde reforça ações e relembra orientações para a prevenção das arboviroses**. Ministério da Saúde. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/ministerio-da-saude-reforca-acoes-e-relembra-orientacoes-para-a-prevencao-das-arboviroses>. Acesso em: 15 out. 2024.

DONALISIO, M.R.; FREITAS, A.R.R.; VON ZUBEN, A.P.B. Arboviroses emergentes no Brasil: desafios para a clínica e implicações para a saúde pública. **Rev Saúde Pública**, v.51, n.30. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/Nym8DKdvfL8B3XzmWZB7hJH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2021.

HOLLANDA, H. (Org.). **Saúde como Compreensão de Vida**. Rio de Janeiro: PREMEN/MEC/SEPS/FENAME, 1981.

LOPES, N., NOZAWA, C., LINHARES, R.E.C. Características gerais e epidemiologia dos arbovírus emergentes no Brasil. **Rev Pan Amaz Saude**. v.5, n.3, p. 55-64., 2014 Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpas/v5n3/v5n3a07.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, M.; DESLANDES, S. (Orgs.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

NÓVOA, A. (Org). Os professores e sua formação. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote. 1992.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim; Paulo Sérgio Lima Silva. 19 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

RAYMOND, D.; LENOIR, Y. (eds.). **Enseignants de métier et formation initiale**, des changements dans les rapports de formation à l'enseignement. Bruxelas: De Boeck, Perspectives en Éducation, AQUFOM, 1998.

RAYMOND, D; BUTT, R.L.; YAMAGISHI, R. Savoirs pré-professionnels et formation fondamentale: approche autobiographique. In: GAUTHIER, C.; MELLOUKI, M.; TARDIF, M. (Eds.), **Le savoir des enseignants: unité et diversité**. Montreal: Logiques, 1993. p.137-168.

RIBEIRO L.M.L. **Análise do conhecimento, sobre Leishmaniose Visceral e outras zoonoses, de docentes dos três primeiros anos do ensino fundamental em escolas da região noroeste de Belo Horizonte, Minas Gerais, 2008**. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8EJQCB>. Acesso em 08 dez. 2020.

SCHALL, V.T. Environmental and health education for school-age children: a transdisciplinary approach. **Cad. Saúde Pública**, v.10, n.2, p. 259-263, 1994.

SCHALL, V.T.; STRUCHINER, M. Educação em saúde: novas perspectivas. **Cad. Saúde Pública**, v.15, sup.2, 1999. Disponível em: www.scielo.org. Acesso em: 14 out. 2009.

TARDIF, M. RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.21, n.73, p. 209-244, dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Ks666mx7qLpLThJQmXL7CB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VENTURI, T. **Educação em Saúde sob uma Perspectiva Pedagógica e Formação de Professores: contribuições das Ilhotas Interdisciplinares de Racionalidade para o desenvolvimento profissional docente**. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198593>. Acesso em 08 dez. 2020.

VENTURI, T. MOHR, A. **Panorama e Análise de Períodos e Abordagens da Educação em Saúde no Contexto Escolar Brasileiro**. Ensaio. v.23, 1, n. e33376, p.01-25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/ztGB4JLXy4Tpm5yzjTfdSBy/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2021.